

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v10n1p191-207>

Representações sociais da sexualidade e da educação integral: um estudo entre professores da rede pública de ensino

Hannanda Campos Mendes¹
Ludgleydson Fernandes de Araújo²

RESUMO

Objetivou verificar as representações sociais da sexualidade e da Educação Integral entre professores da rede pública de ensino. Para tanto, participaram 20 professores da rede municipal de ensino de Parnaíba-PI, sendo que 75% são mulheres com a idade variando entre 23 aos 52 anos, os outros 25% restantes são homens com a idade variando entre 24 aos 45 anos de idade. Utilizou-se de um questionário sociodemográfico e do Teste de Associação Livre de Palavras com os estímulos indutores “Sexualidade” e “Educação Integral”. Os dados foram analisados através da técnica de rede semântica, considerando o tamanho e núcleo de rede, peso semântico e distância semântica quantitativa. Observou-se que os professores possuem uma ideia romântica do que seja a sexualidade não lhe atribuindo um cunho reflexivo, tão necessário na atualidade em que se vive, revestida de intolerância e preconceito. Ao se tratar da educação integral estes possuem uma compreensão positiva sobre esta e demonstram entender, que por meio dela, possa-se chegar a uma educação de qualidade. Assim, por meio do seguinte trabalho é possível compreender a importância da discussão desses temas e o quanto ainda precisam ser refletidos pelas instituições escolares como também pela sociedade como um todo, objetivando, dessa forma, se chegar a um ideal de educação.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Integral. Representações sociais.

1 Especialista em Docência do Ensino Superior e Docência na Escola de Tempo Integral. Professora da rede de ensino no fundamental I do município de Parnaíba-PI. E-mail: hannandacm@yahoo.com.br.

2 Doutor em Psicologia pela Universidade de Granada (Espanha) com período sanduíche na Università di Bologna (Itália). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociologia (Stricto-Sensu) e do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí –UFPI. E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br.

Social representations of sexuality and Integral Education: a study of teachers from public schools

ABSTRACT

Aimed to verify the social representations of sexuality and Integral Education of teachers from public schools. Therefore, participated 20 teachers from municipal Parnaíba-PI school, and 75% are women with ages ranging from 23 to 52, the other remaining 25% are men with ages ranging from 24 to 45 years old. We used a sociodemographic questionnaire and Free Association Test words with stimuli: "Sexuality" and "Integral Education". Data were analyzed through the semantic network technique, considering the size and core network, semantic weight and quantitative semantic distance. It was observed that the teachers have a romantic idea of what sexuality is not giving them a reflective nature, so necessary today in which we live, coated intolerance and prejudice. When dealing with the comprehensive education they have a positive understanding of this and also show and understand that through they get to an education of quality. Thus, through the following work it is possible to understand the importance of discussing these issues and how much it still needs to be reflected by educational institutions as well as by society as a whole, thus aiming to reach an ideal of education.

Keywords: Sexuality. Integral Education. Social representations.

Representaciones sociales de la sexualidad y la educación integral: Un estudio de la enseñanza de los maestros de escuelas públicas

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue verificar las representaciones sociales de la sexualidad y la educación integral de los maestros de las escuelas públicas. Por lo tanto, participaron 20 profesores de la escuela municipal de Parnaíba-PI, Brasil y el 75% son mujeres con edades con tamaños de 23 a 52, el 25% restante son otros hombres con edades comprendidas entre los 24 a 45 años de edad. Se utilizó un cuestionario sociodemográfico y las palabras de prueba libre asociación con estímulos: "La sexualidad" y "educación integral". Los datos fueron analizados mediante la técnica de la red semántica, teniendo en cuenta el tamaño y la red central, carga

semántica y la distancia semántica cuantitativa. Se observó que los maestros tienen una idea romántica de lo que la sexualidad no le está dando un carácter reflexivo, tan necesaria hoy en día en el que vivimos, la intolerancia y los prejuicios recubierto. Cuando se trata de la formación integral que tienen una comprensión positiva de este espectáculo y entienden que a través de ella llegar a una educación de calidad. De este modo, a través del siguiente trabajo es posible entender la importancia de discutir estos temas y cuánto todavía tiene que ser reflejada por las instituciones educativas, así como por la sociedad en su conjunto, con el objetivo de alcanzar tanto un ideal de la educación.

Palabras clave: Sexualidad. Educación Integral. representaciones sociales.

Introdução

Cientificamente educação possui o seguinte conceito: “Ação ou efeito de educar (-se). Ensino, instrução. Desenvolvimento das capacidades humanas, visando à integração social. Cortesia, civildades” (XIMENES, 2000, p., 344). Diante de tais conceitos, torna-se inevitável nesse momento não refletir a carga valorativa que esta palavra “Educação” possui, surgindo para as sociedades como a solução de muitos problemas, além de uma importância para a promoção de uma sociedade melhor. Mas até que ponto ela realmente tem esse poder de transformação, e ainda, de que meios se utiliza para realizar a transformação de um meio social?

A ideia “do que é educação” e de “quais objetivos” deverá alcançar, deve partir do pressuposto de que ela possui como perspectiva central o desenvolvimento e crescimento do sujeito, sendo que esse desenvolvimento/crescimento será mediado por meio das aprendizagens obtidas ao longo da jornada educativa, levando-se em conta, ainda, dentro desse prisma, que a educação não pode ser compreendida apenas como aquela vivenciada no espaço escolar, mas toda e qualquer situação que induza a um tipo de conhecimento, seja formal, informal ou não formal.

Em referência a Gohn (2010) destaca-se que a educação deve ser articulada com a comunidade a qual a escola está inserida, valorizando e articulando a cultura local com a prática pedagógica. A atualidade, em que se vive, clama por esse novo conceito de educação que promova a

articulação entre os diversos conhecimentos do meio social do discente junto aos elencados pelo currículo escolar formal, compreendendo, assim, o processo educativo como essencial para a formação dos indivíduos em cidadãos.

Muitas dificuldades surgem ao decorrer do percurso para se conquistar uma educação de qualidade, pois mesmo sendo ainda importante, na sociedade, percebe-se que a principal instituição responsável pela propagação do conhecimento, a “escola”, possui um modelo desgastado de trabalhar conhecimento e capacidades que o ser humano possui. A referida Instituição precisa ser um espaço que trabalhe o educando integralmente, superando esse modelo o qual se concentra apenas em transmitir saberes codificados em livros, e, disseminados, em áreas de conhecimento, que não se comunicam entre si, focando seu trabalho na construção de um aluno sem senso crítico, não curioso, acomodado.

Assim, não há como conceber a ideia da educação integral nesse contexto, atual, da educação em crise. Tal ideia surgiu em diferentes movimentos da história do Brasil, pretendendo alcançar diferentes enfoques, segundo Coelho (2009), ela foi representada entre outros, pelos movimentos integralista, anarquista e pela vertente liberal. A educação integral não é uma ideia atual, mas ressurgiu no cenário contemporâneo como uma espécie de oportunidade para qualificar o ensino público, sendo um tema que, cada vez mais, vem sendo debatido e merecedor de diversas reflexões acerca da importância e impactos de sua implantação nas escolas.

O Programa Mais Educação (PME) do Governo Federal, um ensaio para a educação integral ser implantada nas escolas, possuindo uma dinâmica organizada em oficinas que trabalham diversos eixos temáticos, ampliando a carga horária escolar em até 7hs diárias. Nesse cenário, no qual, a convivência entre alunos torna-se mais intensa, diversas situações se apresentam conflituosas e objeto de uma atenção especial, inspirando muito diálogo e reflexão.

Destaca-se nesse sentido, a temática da sexualidade, como um dos assuntos que mais causam discussões entre os alunos, tornando-se um alvo de ofensas e perseguições quando questionada, seja em termos de afirmação da heterossexualidade do aluno ou até mesmo do interesse deste por outro colega do mesmo sexo, como ainda os questionamentos relacionados a questões de gênero, são inúmeras as

discussões acaloradas entres estes, pois além de ser um assunto que cause curiosidade, ao mesmo tempo, torna-se bastante delicado.

Tal constatação obtém-se a partir da observação da rotina diária dos discentes dentro da escola, percebe-se um despertar pela sexualidade em decorrência do interesse pelo outro, a tentativa de aproximação afetiva, além dos apelidos agressivos a respeito da sexualidade e gênero, que causam um mal-estar em quem sofre a ação. As situações do uso de nomes pejorativos revestem-se como uma espécie de arma para vingança em algum momento de desentendimento, levando-se a entender que estes possuem um conceito pré-determinado perante a sexualidade e questões de gênero, utilizando-os demasiadamente como uma forma de ofensa.

De acordo com Louro (1999) os conceitos de sexualidade e gênero articulam-se entre si, porém, ao analisá-los, profundamente, entende-se que são distintos, pois ao se tratar de gênero, tomam-se como foco do estudo as questões que norteiam a ideia do reconhecimento do comportamento social nas diferentes formas de ser feminino e ser masculino. A sexualidade, ao contrário, expressa-se através das diversas formas que levam o sujeito a sentir prazer por meio de seus desejos sexuais, e ainda, o meio cultural influencia nas formas de se viver essa sexualidade.

A existência dessa diversidade conflituosa precisa ser aproveitada para a criação de um espaço em que prevaleça o diálogo como forma de se respeitar ao próximo, como preconiza Bortolini (2011), e mais, deve-se também levar em consideração a ideia de que a educação é um direito e a escola um espaço público. Diante da seguinte situação real presente no ambiente escolar é preciso refletir o papel do professor em situações como estas, cada vez mais presentes no ambiente escolar como também na comunidade que a rodeia. Como este age? Como deveria agir? O que pensa a respeito das questões que envolvem a sexualidade e gênero.

César (2010) entende que os professores devem buscar novos conceitos em decorrência desse paradoxo que permeia a educação, para que assim a escola não se transforme em um espaço de exclusão que tipifica comportamentos sexuais e de gênero como normais ou anormais. É preciso libertar-se desses conceitos, refletindo acerca do tema, pois somente por meio do conhecimento e diálogo entre professores e demais membros da comunidade escolar e acadêmica,

é que se poderá compreender a dimensão dessa realidade e trabalhá-la com o objetivo de se construir um ambiente escolar de tolerância e respeito a partir do conhecimento. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo verificar as concepções acerca da sexualidade e educação em tempo integral por parte de professores do ensino fundamental I.

Método participante

A amostra da pesquisa foi composta por 20 professores do ensino fundamental da rede pública do Município de Parnaíba, Piauí, Brasil, sendo que 75% são mulheres com a idade variando entre 23 aos 52 anos, os outros 25% restantes são homens com a idade variando entre 24 aos 45 anos de idade.

Em relação ao tempo de atuação dos seguintes professores constata-se que 30% desses já trabalham há mais de 10 anos na área da educação, 45% possuem um tempo de profissão entre 4 a 10 anos, 10% trabalham com um período de experiência entre 1 a 3 anos, e por último os outros 15% só possuem menos de um ano de atuação na área da educação.

Essa amostra foi do tipo não probabilística, intencional e acidental. Não foi considerada a diferença de gênero na constituição da amostra. Salienta-se que não foi verificada nenhuma recusa em participar de forma voluntária e anônima da presente investigação.

Instrumento

Utilizou-se a Técnica das Redes Semânticas para a medição dos significados psicológicos das palavras Sexualidade e Educação Integral. O instrumento utilizado apresentava inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido bem como uma detalhada explicação acerca dos objetivos da pesquisa. Em seguida foram apresentados esclarecimentos e exemplos do procedimento da maneira dos participantes responderem ao mesmo. No tocante, nesta primeira parte foi solicitado que os participantes expressassem livremente cinco palavras que melhor definissem a palavra Sexualidade e cinco para a palavra Educação Integral. Posteriormente o respondente deveria hierarquizar as palavras com o intuito de ordenar a proximidade semântica com a palavra que melhor definisse a palavra-estímulo que deveria ser assinalada com o número 1, a segunda que melhor definisse

com o número 2 e assim por diante. Na última fase do instrumento, referiam-se aos dados socio demográficos (sexo, série e idade).

Procedimentos

Inicialmente, realizou-se um contato com os docentes da instituição buscando-se a anuência destes. Seguindo este direcionamento, quando do contato com os participantes da pesquisa, foi assegurada a confidencialidade das informações prestadas pelo preenchimento do instrumento, sem qualquer referencial nominal. Em sala de aula, previamente à aplicação do instrumento, todos os aspectos éticos foram reiterados, conferindo-se mais uma vez o direito não participação ou a interrupção do preenchimento em qualquer tempo. A aplicação por vezes aconteceu individualmente outras, grupal, cujo tempo variou de 20 a 30 minutos.

Análise dos dados

Posteriormente a coleta dos dados do TALP foram analisados de acordo com os pressupostos estabelecidos pela Rede Semântica (Reyes-Lagunes, 1993; Vera-Noriega, Pimentel & Albuquerque, 2005; Vera-Noriega, 2005; Moreira, Araújo & Pimentel, 2007), tendo como base quatro processos: Tamanho da Rede (TR), que se refere ao numero total de palavras definidoras produzidas pelos respondentes; Peso Semântico (PS), que é a unidade de medida encontrada através da soma da ponderação da frequência pela hierarquização assinalada pelos participantes; Núcleo de Rede (NR), composto pelas definidoras com maior peso semântico, utilizando como ponto de quebra o PS a partir do qual a curva adquire seu caráter assintótico e, a Distância Semântica Quantitativa (DSQ), cuja obtenção só é possível a partir das palavras definidoras do NR, atribuindo o valor de 100% aquela com maior PS, a partir deste valor deve ser calculada uma regra de três simples, para se identificar a distância das demais palavras.

Resultados e discussão

A Sexualidade foi definida, majoritariamente, como sendo o Amor. Tal fato se evidencia pelo maior peso semântico desta palavra

em relação às outras definidoras. Logo, esta é a palavra que tem maior proximidade, ou que melhor representa o significado destes autores sociais, sendo a ela atribuído o mais alto valor de 100%.

Tabela 1 - Rede semântica do estímulo Sexualidade

NR (Núcleo da Rede)	PS (Peso Semântico)	DSQ (Distância Semântica)
	F	%
Amor	40	100
Respeito	32	80
Prazer	27	67,5
Felicidade	16	40
Felicidade Paixão	12	30

Fonte: Elaborada pelo autor.

Entende-se que a sexualidade é percebida pelos participantes a partir de uma visão romântica, uma vez que, atribuíram à palavra amor o mais alto valor para representar o primeiro estímulo, sem, contudo, uma visão crítica do tema. A partir da leitura de Silva (2013) é possível dizer que o amor é concebido de diversas formas e ao estudar algumas teorias a respeito do assunto, conclui-se, que existem teorias como a do “Estilos de amor e a Triangular do amor” que o entendem como uma atitude, já a Teoria do “Apego adulto” representa-o como uma consequência do que se aprende a partir de modelos internos apreendidos durante a infância, assim, a prática dos professores relaciona-se com uma das categorias acima descritas, ou seja, a forma como o tema sexualidade é estudada nas aulas reduz-se a uma superficialidade que não condiz com diversos problemas que a norteiam, mas que estão presentes no cotidiano dos discentes.

Toda ação em sala de aula possui um direcionamento de acordo com as ideias daqueles que a fazem, seja consciente ou inconsciente, portanto, deve-se permitir nesses momentos uma reflexão maior do trabalho que se desenvolve, levando os alunos a pensarem através de seus estudos no mundo em que vivem, problematizando a realidade para compreender como os conflitos surgem, e assim, poder emitir opiniões pautadas em conhecimentos e, especialmente, em valores humanos.

Diante do exposto, destaca-se o entendimento de Freire (1981), segundo o qual, toda ação tem uma finalidade, ou seja, ainda que um

professor busque na sua *práxis* a neutralidade ao ministrar as aulas, não seria possível, uma vez que existe, em si, uma postura teórica. Seria então, diante desta postura, que professores atribuem ao tema sexualidade uma ingenuidade que não existe ao romantizá-la, assim, muito alunos aprendem em outros espaços conceitos e ideias equivocadas, pois a escola não é o único meio informativo e educativo, porém, ainda é um dos poucos que pode tornar essa *práxis* em uma ação de transformação com efeito positivo ao agregá-la a uma percepção crítica da realidade.

Seguida da palavra amor, aparecem respectivamente na tabela 1 as palavras respeito e prazer, tonando-se as mais importantes após o sentido de amor, e por último a ideia da paixão como a menos importante dentro da amplitude que confira o tema da sexualidade. Segundo Toledo (2013) a ideia de felicidade expressa-se pela possibilidade de se viver um amor romântico com o objetivo de encontrar a “outra metade”, mas que se torna impossibilitada essa ideia devido ao fato de tomar como base para essa possível relação a paixão como sustentáculo, ainda segundo essa autora, essa noção de amor romântico é incompatível com a vida contemporânea.

É a partir dessa incompatibilidade que se questiona essa visão romântica atribuída a sexualidade, pois se vive na realidade das escolas e na sociedade em geral, um clima de intolerância em torno das questões sobre sexualidade e gênero, não há como conceber assim, que se trate tais temas de maneira tão dissonante da atualidade a qual desafia a repensar o papel da escola a frente de situações conflituosas.

É preciso conhecer o mundo, em que os alunos vivem; suas curiosidades, dúvidas, conflitos pessoais, para que dessa forma o tema sexualidade seja refletido e estudado dentro do espaço educativo no sentido de conhecer o próprio corpo, mas não apenas diferenciando órgão reprodutor masculino do feminino, é necessário que se acrescente a tais estudos um cunho reflexivo, permitindo-se discutir pedagogicamente problemas que o norteiam, como gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, a vulnerabilidade da mulher e crianças, que vivem em uma sociedade ainda sofrida com a cultura do estupro, além do direito a escolha da sua sexualidade longe de padrões socialmente definidos e sem estereótipos masculinos ou femininos naquilo que se refere a questão de gênero.

É fazer com que a educação aconteça com o objetivo de que o aluno se conheça e respeite seu próprio corpo e desejos, e

consequentemente ao outro ou outra, encarando as mudanças e escolhas que são feitas dentro de universo sexual de forma natural, sem questionamentos ou exigências, somente dessa forma é que o respeito e tolerância para com as diferenças entre os seus semelhantes irão começar a fluir como algo que faz parte do curso normal da vida. De acordo com Bortoline (2011) existem muitas situações sociais revestidas de um tom agressivo, seja este verbal ou não, mas que é um início para um perigo maior de desrespeito e intolerância as quais podem acabar em uma cultura de violência, humilhações e até a própria morte.

Para que ocorra essa transformação pedagógica, os docentes devem ampliar seus conhecimentos e desenvolver novas práticas educativas, as quais não sejam mal interpretadas nem alvo de um jogo de poder político e institucional que queiram preconizar um padrão a ser seguido baseados em cunho morais e sociais, pois falar em sexualidade e consequentemente de gênero, não se trata de impor padrões, como também não é incentivar para uma vida sexual precoce e nem tão pouco estimular para uma homossexualidade, ao contrário, é educar positivamente essa sexualidade que é algo inerente a todo ser humano.

Diante desses conflitos sociais que assolam a contemporaneidade, compreender a leitura que o discente produz do meio social e como se percebe diante das situações decorrentes do mesmo, torna-se uma ferramenta para a prática pedagógica em sala de aula, pois a partir dessa compreensão permite-se a aproximação entre a realidade e os conhecimentos estudados, aprofundando-os criticamente. A necessidade da seguinte tarefa pode ser entendida a partir da ideia da Teoria da Representação Social, a qual, de acordo com Spink (1993), permite a partir do conhecimento do contexto social, a sua compreensão e comunicação, assim, o sujeito é percebido juntamente com o que o meio lhe atribue, seja em termos de cultura, valores, entre outros, a complexidade do indivíduo é uma soma de todos esses fatores com o seu ambiente de vida.

O conhecimento então é uma roda vivos, com diferentes sujeitos inclusos, que se constroem, como indivíduos, a partir das percepções e experiências adquiridas, dentro do ambiente social. Dessa forma, deve-se considerar o emocional, a cultura e os valores do aluno, pois se tornam parte do processo de aprendizagem, assim, o professor terá respaldo pedagógico para realização de um trabalho coerente com a

proposta de trabalho que inclua qualquer temática e as representações sociais do discente, estimulando-o a vivenciar formas de aprendizagem marcantes e inovadoras.

Torna-se, dessa forma, a escola o espaço adequado para trabalhar as seguintes questões, principalmente quando se pretende conceber uma educação integral. Refletir sobre tais temas e outros mais, não podem ser desvinculados dessa proposta de educação, do contrário, não é formar um indivíduo integralmente, pois a reflexão com o conseqüente respeito e tolerância pela opinião do outro são essenciais para a construção de uma sociedade justa e próspera, onde uma educação de qualidade seja o seu maior objetivo.

Tabela 2-Rede semântica do estímulo Educação Integral

NR (Núcleo da Rede)	PS (Peso Semântico) F	DSQ (Distância Semântica) %
Aprendizagem	55	100
Escola	36	65,45
Convivência	21	38,18
Dedicação	10	18,18
Tempo	7	12,72

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em comparação com as demais palavras a “aprendizagem” configura-se como maior peso semântico quando o estímulo se refere a educação integral. Logo, é a palavra que tem maior proximidade, ou que melhor, representa o significado dos autores sociais, sendo a ela atribuído o mais alto valor de 100%. Após, escola, convivência, dedicação e tempo, configuram-se a ideia do que poderia ser a educação integral para os autores participantes da pesquisa.

Observa-se que o objetivo maior da educação na visão dos professores, sobre o que seja a aprendizagem de qualidade, ainda está centralizado apenas no “aprender”, não percebendo dentro dessa perspectiva o “ser e o fazer”. A possibilidade de se oportunizar aos alunos um espaço educativo que lhes ofertem uma educação em tempo integral e de forma integral demonstra ser um caminho de se ampliar os momentos de aprendizagem para estes, tornando essa mais eficaz e significativa.

A palavra escola surge com o segundo maior peso para o estímulo acima já referido, compreendendo-se também que é o que se espera dessa instituição, a qual configura-se como um dos poucos espaços que irão educar integralmente o aluno. Para a sociedade a escola é o principal meio para que essa educação seja desenvolvida, cabendo-lhe o papel de ensinar, instruir e desenvolver capacidades. Torna-se esse o desafio da seguinte instituição, conceber a educação em mundo tecnológico e com uma sociedade que possui um ritmo de vida frenético e mergulhado em diversos valores, mas na qual a educação ainda possui seu lugar de importância, para tanto, é que se valoriza a educação integral para a consolidação de tal ideia.

Atualmente algumas concepções tratam sobre a educação integral, Cavaliere (2007) referencia quatro tipos nesse contexto contemporâneo: a primeira é de caráter assistencialista, na qual o conhecimento não vem em primeiro plano, pois o foco principal seria o preenchimento do tempo dos seus sujeitos e a socialização primária. Outra concepção denominada como autoritária baseia-se na ideia de resguardar crianças e adolescentes, equivalendo-se aos antigos reformatórios de menores. Uma terceira tendência caracterizada como democrática, a escola seria um espaço de emancipação por meio de um trabalho que unisse a cultura, conhecimentos aprofundados, além do senso crítico agregados a vivência democrática.

A concepção multissetorial seria a quarta atuante no cenário educativo atual, que vislumbra outros espaços sociais como referências para a prática de atividades educativas em parcerias firmadas com a escola, pois, consideram, em seu entendimento, as precárias condições físicas de muitas escolas, que por assim serem, não conseguem realizar trabalhos diversificados para além da sala de aula, dessa forma, espaços além dos muros escolares seriam uma excelente alternativa para suprir essa necessidade que engessa muitas escolas no Brasil.

A questão da convivência, dedicação e do tempo que se configuram respectivamente como a terceira, quarta e última palavra que classificam o estímulo "educação integral, tornam-se um dos maiores desafios para a promoção de uma escola que trabalhe com essa proposta de se fazer educação dentro de um pressuposto de indivíduo integral, pois as situações que giram em torno desta são complexas e alvo de muita discussão.

A questão da convivência vai muito de encontro com os conflitos gerados em torno da temática sexualidade, além de outros, sem dúvida, mas como dito anteriormente o referido tema é gritante na rotina escolar de tempo integral, inspirando muito atenção e necessidade de constantes diálogos. Para Cavaliere (2007) considerar a existência de uma educação integral é fundamentar-se no pressuposto de uma vivência democrática, onde as relações que ali aconteçam sejam justas com respeito ao próximo e a coletividade, por isso a justificativa de uma atenção especial para a questão da convivência.

Ao se questionar a respeito da dedicação e tempo, tomam-se essas palavras com o sentido do pequeno quadro de profissionais disponíveis para ficar com todos os alunos nos horários mais delicados, como, por exemplo, na hora do banho e almoço, momento em que estes ficam mais próximos. Além disso, as escolas não possuem estrutura física própria para receber os alunos dentro das condições propícias para um bom acolhimento, desenvolvimento de atividades e permanência no espaço escolar por tanto tempo.

Toda essa situação gera um grande desgaste físico, emocional e psicológico para os profissionais que compõem a equipe responsável pelos alunos que ficam em tempo integral nas escolas. Dessa forma, entende-se que as dificuldades transitam em todos os setores, as estruturas das escolas não oferecem condições para práticas diversificadas de ensino, os currículos precisam ser repensados, além de uma equipe escolar integral e capaz para realizar um trabalho que, de fato, promova uma educação integral, e não apenas estenda o horário escolar, sem refletir nas condições oferecidas para os alunos em termos de educação que os emancipem como sujeitos apropriados de um conhecimento significativo, crítico e amplo, que os atenda das diversas formas que a aprendizagem possa se realizar.

Todas as discussões em torno desse tema são inteiramente necessárias e iniciam apenas uma longa jornada que será percorrida para que então possa se chegar a um resultado que atenda a um ideal do que se espera de uma educação integral, aceita pela sociedade e compreendida por todos os profissionais envolvidos para a realização desse trabalho dentro do espaço escolar.

Parece meio obvio que não se esteja tão perto da execução desse trabalho, ainda levará algum tempo para que a educação integral realize-se com qualidade, abrangendo todos e todas, porém, também

não deve mais essa ideia ser vista como uma utopia, pois atualmente diversas experiências demonstram o sucesso dessa nova visão da educação para o Brasil, mostrando que a educação integral é o caminho a ser seguido, não se negando mais essa realidade.

Considerações finais

No desenvolvimento do presente estudo, pretendeu-se, apreender as redes semânticas do conceito de Sexualidade e Educação Integral entre professores do ensino fundamental I da rede pública municipal de Parnaíba-PI, e assim identificar a concepção que possuem acerca do que sejam esses temas. Dessa forma, entendeu-se que a ideia de sexualidade está revestida de um cunho romântico o que destoa da realidade social contemporânea, cercada de intolerância e desrespeito aos assuntos voltados para a questão da sexualidade, assim, devem, os professores, ampliar seus conhecimentos sobre o assunto e buscarem conhecer mais acerca do meio social em que trabalham, de modo que a escola torne-se um espaço de informação e reflexão.

Nesse caminho da busca desse conhecimento, é preciso compreender as representações sociais envolvidas dentro do contexto analisado, agregando conhecimentos motivadores para o trabalho pedagógico com os discentes, que devem partir do seu cotidiano. Deve-se refletir o valor cultural de suas comunidades, envolvidos em sua própria história, costumes comuns do seu dia a dia, manifestando-se como representação social por meio das atitudes que exteriorizam os sentimentos, ações, pensamentos. A escola, a partir do momento que conseguir compreender o aluno através do meio que lhe construiu, e relacioná-lo a práxis pedagógica; será um espaço capaz de provocar uma mudança de postura, confrontando os valores que já são inerentes ao indivíduo com aqueles essenciais para a harmonia da convivência social.

A Educação Integral surge como uma forma de se repensar a prática pedagógica em torno de tal assunto, provocando essa mudança, uma vez que a conseqüente convivência esta intrinsecamente ligada à concepção desse conceito de educação, oportunizando aos sujeitos envolvidos nesse meio, sejam os profissionais, ou alunos; uma reflexão sobre a questão do respeito ao próximo sem taxá-los e excluí-los por conta de suas escolhas sexuais e entendimento ao que se refere a noção

de gênero, uma vez que a ideia de integralidade também perpassa pelas questões de respeito, tolerância e cidadania no tocante ao pressuposto de que os indivíduos têm representações sociais próprias, fruto das experiências de vida, não podendo assim, desvincular-se do que realmente se é como pessoa, como sente e pensa. De acordo com Freire (1996, p.12):

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

Diante do exposto, entende-se a importância de se trabalhar o tema da sexualidade e os assuntos a ela inerentes de forma reflexiva ampliando os conceitos formados sobre esse tema, existe ainda o desafio de melhorar a educação a partir da ideia de educação integral, uma vez que a proposta dessa concepção de educar se concretiza com a necessidade do reinventar das práxis educativa. Para ambas as temáticas é necessária uma pré-disposição da comunidade escolar, para que tal feito se realize com o objetivo de se construir uma educação de qualidade, eficiente e eficaz, pois esse é um direito de todo e qualquer cidadão, não devendo nenhum ser excluído do espaço escolar. A consciência do que seja o papel da Educação na sociedade deve ser um objeto de reflexão de todos, só assim ela irá surtir efeitos positivos e conquistar sua valorização social.

Referências

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 123, p. 27-37, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13953/7591>>. Acesso em 08 abr. 2016.

CAVALIERE, Ana Maria. Tempo de escola e qualidade na educação pública. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1828100.pdf>> Acesso em: 08/04/2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Sexualidade e Gênero: Ensaio educacionais contemporâneo. **Instrumento : R. Est. Pesq. Educ**, Juiz de Fora , v. 12, n 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/936>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa (Org.) **Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guaciara Lopes. Pedagogias da sexualidade. In Guaciara Lopes Louro (Org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOREIRA, E. F., ARAÚJO, L. F. & PIMENTEL, C. E. (2007). Percepção dos ambientalistas por universitários: uma análise semântica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 161-169, jan./abr 2007.

REYES-LAGUNES, I. Las redes semánticas naturales, su conceptualización y su utilización en la construcción de instrumentos. **Revista de Psicología Social y Personalidad**, v. 9, n. 1, p. 81-97, 1993.

SILVA, Priscilla de Oliveira Martins; TRINDADE, Z. A.; JUNIOR A. da S. Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. **Revista Psicologia: ciência e profissão**, v.33. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n1/v33n1a03.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2016

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

TOLEDO, Maria Thereza. Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade: do romantismo aos padrões da cultura de massa. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em**

Mídia e Cotidiano, Niterói, v. 2, p. 201-218, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/50/45>>. Acesso em: 08 abr. 2016

VERA-NORIEGA, J. A.; Pimentel, C. E.; Albuquerque, F. J. B. Redes semânticas: aspectos teóricos, técnicos, metodológicos y analíticos. **Ra Ximahi**, v. 1, n. 1, p. 439-455, 2005.

VERA-NORIEGA, J. A. Redes Semánticas: Método y Resultados. In A. S. P. Moreira; B. V. Camargo; J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). **Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa: EdUEPB, p. 489-510, 2005.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua portuguesa**. 2. ed., São Paulo: Ediouro, 2000.

Recebido em: julho/2016

Aprovado em: outubro/2016